

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**O HOMEM COMO  
ENTIDADE PSICOSSOMÁTICA  
CÓSMICA**

Revista Médica de Metapsíquica

1947

Ano I N° 1



# **O HOMEM COMO**

## **ENTIDADE PSICOSSOMÁTICA CÓSMICA**

O conceito que o homem teve acerca de sua própria natureza e de sua posição no mundo em que vive variou, com o correr do tempo, de acordo com as diferentes concepções científicas e filosóficas.

Ao aplicar os métodos de ambas disciplinas ao estudo do indivíduo humano, já seja isoladamente ou em conjunto, buscou-se dar uma solução – a mais categórica possível – a um problema que existiu sempre e que ainda persiste, e ao que Alexis Carrel designou com a conhecida expressão: “incógnita do homem”.

Compreendemos de imediato a árdua tarefa que significaria enfocar este problema em toda sua amplitude, tentando oferecer um panorama completo no qual se integrassem os conhecimentos conferidos pelas ciências da natureza com as contribuições das ciências culturais.

Renunciamos de entrada a este trabalho e só nos propomos apresentar aqui algo simples, um esquema – poderíamos dizer – da evolução sofrida pelo conceito de “personalidade humana”, no terreno científico em geral, e em particular nas disciplinas médicas e biológicas.

## I

Um dos critérios biológicos mais difundidos no século passado – e cuja influência no campo médico ainda persiste – é o de considerar os organismos vivos unicamente como sistemas fisioquímicos complexos, em equilíbrio instável, e regidos pelas mesmas *leis de causalidade* que atuam nos corpos inanimados.

O homem, como indivíduo biológico, não era mais que uma agrupação de unidades anatômicas, as células que, especializadas ou diferenciadas em maior ou menor grau, e coordenando-se entre si pelo princípio das conexões apontado por Cuvier, integravam o substrato morfológico de toda a fisiologia do ser vivo.

O protoplasma, sistema fisioquímico complexo e constituinte da célula, foi considerado como o essencial na matéria viva.

As relações entre os organismos animais e vegetais e o meio ambiente só foram consideradas no sentido de uma adaptação da vida ao meio; e não se vislumbrava que também pudesse existir um mecanismo inverso<sup>1</sup>.

Esta doutrina biológica mecanicista, levada ao terreno médico, conduziu ao conceito de que não podia existir uma enfermidade sem que houvesse uma alteração concomitante da morfologia celular (Virchow), produzida esta última por diversos fatores, alheios ao organismo: germes patogênicos, traumatismos, tóxicos etc.

---

<sup>1</sup> H. Delgado, “*Psicología y Ecología, o del instinto en el orden de la naturaleza*”. Revista Letras, 1942, Lima, Perú

Este conjunto de fatos formou um verdadeiro corpo de doutrina médica que hoje chamamos organicista e cujos princípios fundamentais e derivações práticas podemos resumir da seguinte forma:

- Conceito dos fatores microbianos, tóxicos, etc., exteriores ao organismo, em relação à influência do terreno.
- Especificidade etiológica.
- Diagnóstico fundado exclusivamente nos dados da exploração clínica, instrumental e de laboratório.
- Terapêutica dirigida ao somático.

## II

A biologia moderna ampliou a concepção mecanicista do ser vivo e considera o indivíduo não como uma simples agrupação celular, mas como um todo que é algo mais que a soma das partes e a cujo serviço se encontram.

Ademais, além das leis que regem os sistemas fisioquímicos, é preciso reconhecer um princípio biológico de capital importância, a *finalidade* que condiciona as diversas funções e as estruturas anatômicas a elas ligadas.

A morfologia está então a serviço da função e está a serviço da finalidade: é a biologia holística e finalista que interpreta que “no ser vivo, o essencial não é o protoplasma, mas o objetivo”.

Sobre a base destas noções biológicas e as contribuições da psicologia profunda e da patologia funcional, foi estruturado um novo corpo de doutrina que conhecemos como *psicossomática*.

A unidade do ser vivo ficou perfeitamente demonstrada no homem com o estudo dos múltiplos mecanismos de correlação, hormonais, nervosos, fisioquímicos, etc., que vinculam uns tecidos com outros e fazem que uma alteração, em determinada estrutura somática ou psíquica, repercuta em maior ou menor grau sobre a personalidade em seu conjunto.

O estudo de numerosas perturbações no funcionamento de diversos órgãos, sem que pudessem ser descobertas lesões anatômicas de nenhum tipo, fez mudar o primitivo conceito de enfermidade, apoiado – pela patologia celular de Virchow – na noção de alteração funcional que podia ou não trazer secundariamente modificações titulares ou orgânicas.

O conceito do psíquico incorporado ao campo biológico, tem grande importância na medicina psicossomática que reconhece, ao lado dos fatores

microbianos tóxicos, etc. (capazes de produzir alterações funcionais e anatômicas no organismo) outros fatores intrínsecos, ideativos e emocionais, conscientes ou inconscientes, que integram um novo capítulo da patologia: a psicogênese mórbida.

Muitos dos postulados da medicina organicista tiveram que ser deixados de lado para serem substituídos por outros, de maior alcance. O conceito da especificidade etiológica desaparece frente aos novos estudos que demonstram a importância do terreno e da predisposição. Aceita-se a constelação etiopatogênica no determinismo das enfermidades; a patologia de órgãos é substituída pela de sistemas; aos métodos clínicos e de laboratório se acrescenta a exploração psicológica; e a terapêutica deixa de ser exclusivamente somática para converter-se em integral, com valoração do psíquico e do somático.

De acordo com todas estas noções, o homem deve ser considerado como uma totalidade biológica que reage como tal, frente aos mais diversos estímulos de natureza psicofísica e com um carácter prospectivo de finalidade.

As investigações procedentes de outros ramos da ciência como a medicina social, a sociologia e, sobretudo, a psicologia coletiva, permitiram ampliar ainda mais o conceito anteriormente citado da personalidade.

Com efeito, os fatos demonstram que não é possível considerar o homem como uma entidade isolada, senão que existem vínculos estreitos entre os integrantes da coletividade, a ponto de alguns autores não justificarem uma separação entre psicologia individual e coletiva e, ainda mais, acreditarem que a alma de grupo é anterior à constituição do psiquismo com os caracteres da individualidade<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> S. Freud, “*Psicología de las masas*”, Tomo IX Obras completas

Estas relações entre o indivíduo e os demais componentes da massa, desde a família, a escola, a agrupação religiosa até a sociedade inteira, são vínculos reais que chegam a integrar diversas instâncias de seu próprio mecanismo anímico.

As contribuições da psicanálise à psicologia de massa lançaram viva luz sobre estas questões. Por exemplo, os elementos coercitivos impostos ao EU desde fora, primeiros estágios do desenvolvimento, principalmente pelo casal de pais, são depois injetados no psiquismo individual e passam a fazer parte do mesmo, ainda que de forma impessoal, como uma instância crítica, repressora, etc., que conhecemos como superego.

Em diversos estados normais e patológicos verificam-se estes mecanismos de introjeção de certos elementos de meio social no mecanismo psíquico; outras vezes se trata de identificações e em outras, de projeção dos conflitos individuais sobre outras pessoas do meio circundante.

Em resumo, e sem entrar em maiores detalhes, são tantos e tão complexos os vínculos que ligam os indivíduos entre si que é impossível considerar o homem com prescindência daqueles que o rodeiam. A sociedade, seja pequena ou grande, é um vasto organismo que participa das mesmas leis psicológicas observados no psiquismo individual.

Estes fatos nos permitem considerar a personalidade como um ente biopsicossocial e nos explicam muitas das reações normais e patológicas do indivíduo frente às situações que se apresentam a ele no meio familiar ou social onde atua. A valorização destas situações em cada doente (por parte da medicina psicossomática) e o conhecimento dos mecanismos de adaptação ou desadaptação ao ambiente social contribuem para um melhor diagnóstico e para o tratamento das enfermidades.



Mas, o homem não somente está em relação com o mundo social e suas instituições, senão que como ente biológico está submerso no mundo cósmico, do qual tampouco pode ser considerado isoladamente, a não ser como abstração.

A biologia e a medicina têm se ocupado detidamente do estudo das energias cósmicas que atuam sobre o homem, desde as radiações polares, a pressão atmosférica, a configuração do terreno, o clima, etc., até os raios cósmicos e outros fenômenos celestes. Foram estudados os mecanismos fisiológicos de adaptação a tais fatores e as modalidades particulares da personalidade de acordo com determinadas variações dos mesmos. Analisaram-se igualmente as influências do clima sobre as curvas de morbilidade de certas enfermidades epidêmicas.

Mas não é menos certo que, paralelamente a esta adaptação da vida ao meio cósmico, existe também uma coordenação de todos os elementos animados e inanimados de nosso mundo com as características da vida que deve desenvolver-se nele.

O professor Honorario Delgado, em um trabalho muito interessante que citamos no início<sup>(ver1)</sup> e com um critério de filosofia biológica, faz notar como existe uma solidariedade estreita entre os seres do mundo biológico - e entre estes e as energias cósmicas. A ponto de o conjunto da biosfera se oferecer a nós como uma maravilhosa estrutura, regida por um princípio teleológico.

### III

Depois de todos os estudos realizados até o presente sobre a natureza do homem e das sucessivas contribuições da ciência já mencionadas, pareceria que se houvesse chegado, por fim, a uma compreensão satisfatória, se novos fatos não houvessem obrigado a ampliar novamente os primitivos esquemas: as contribuições para isso procedem agora de uma ciência nova, a metapsíquica.

Se pudemos ser breves em tudo o que foi exposto até aqui e nos limitamos a expor os resultados finais das ciências biológicas, da medicina, da psicologia individual e coletiva, sem preocupar-nos maiormente com analisar os fundamentos dessas ciências e os caminhos pelos quais se chegou a essas conclusões, é porque as mesmas já foram incorporadas ao acervo geral de conhecimentos e sus princípios básicos são aceitos, pelo menos pela maioria dos homens de ciência.

Mas não podemos adotar a mesma conduta frente à metapsíquica porque se trata de uma ciência nova, ainda desconhecida por muitos e combatida por outros. Deter-nos-emos pois, ainda que à custa de insistir demasiado naquilo em que todos os metapsiquistas apontaram anteriormente – sobre os conceitos elementares dessa ciência e os principais fatos que obrigam a conceder-lhe o lugar que lhe cabe, frente aos demais ramos do conhecimento científico.

Depois desta exposição sumária, analisaremos quais são as contribuições da metapsíquica ao conhecimento do homem, e até que ponto elas nos permitirão ampliar as noções formuladas até o presente.

“Metapsíquica é a ciência que tem por objeto o estudo daqueles fenômenos materiais ou mentais, mecânicos ou psicológicos, não

habituais, que parecem ser devidos a uma energia desconhecida, em estreita dependência da psique humana.”<sup>3</sup>

Estes fenômenos não habituais se produzem em íntima dependência em certos sujeitos dotados de faculdades especiais, e são chamados comumente, por sus características, de “faculdades supranormais” (F. Myers).

Mas... O que são estas faculdades supranormais? Pode-se admitir sua existência sem lugar a dúvidas? Como é que a psicofisiologia acadêmica ainda não as incluiu em seu acervo? Até que ponto podem mudar nossos esquemas psicológicos, biológicos e médicos?

Devemos fazer notar, antes de mais nada, que os fenômenos metapsíquicos são tão variados e se estendem a domínios tão diversos, que têm interessado tanto às ciências da natureza quanto às do espírito.

Vemos assim que no campo da Física, por exemplo, a metapsíquica tem representantes ilustres em William Crookes e W. J. Crawford; em Biologia, Alexis Carrel, Hans Driesch e Russell Wallace; em Fisiologia, Charles Richet, o verdadeiro fundador desta ciência, à qual dedicou sua última lição ao retirar-se da Faculdade de Medicina de Paris, em 24 de junho de 1925.

Os médicos realizaram as contribuições mais importantes para o estudo da fenomenologia supranormal e não podemos menos que mencionar as obras de Gustavo Gelei, “Do inconsciente ao consciente”, “Ectoplasma e clarividência”, etc. e de Eugenio Osty: “O conhecimento supranormal”, “Os poderes desconhecidos do espírito sobre a matéria”, etc.

---

<sup>3</sup> **Fernando Cazzamalli** “Metapsíquica, neurobiología e método sperimentale (Dalla metapsíquica alla psicobiofisica)”. Roma, 1942

Estes fenômenos não poderiam escapar à sagacidade de Freud, o criador da psicanálise e o homem que tão bem estudou os mecanismos psíquicos inconscientes. Vejamos qual era sua opinião a respeito:

“Não queremos deixar de examinar a questão de: é preciso negar sempre que a superstição tenha raízes reais e que existam pressentimentos, sonhos proféticos, experiências telepáticas, manifestações de forças sobrenaturais, etc. Nada mais longe de mim que rejeitar, *a priori* e sem formação de causa, estes fenômenos – sobre os quais existem tantas e tão penetrantes observações de homens de alta intelectualidade – e que devem, desde logo, continuar sendo objeto de investigação”<sup>4</sup>.

Jung vai mais longe que seu mestre no que se refere ao supranormal e aceita completamente em suas últimas obras, a realidade dos fenômenos transcendentais:

“Hoje, pode-se estabelecer, com menos certeza que há 50 anos atrás, diz – o bloqueio que existe entre cérebro e psique. A psicologia deve assimilar ainda alguns fatos parapsicológicos, tarefa que nem sequer começou. Parece que à psique inconsciente para nós, correspondem propriedades que se encontram em uma relação singular com o espaço e com o tempo. Refiro-me a fenômenos espacial e temporalmente telepáticos, que segundo consta, são muito mais fáceis de ignorar que de explicar. Com algumas louváveis exceções deve-se dizer que, até agora, a ciência não se deu a grande trabalho para averiguá-lo”.

---

<sup>4</sup> S. Freud, “Psicopatología de la vida cotidiana”, 3ª Edición Biblioteca Nueva, Madrid, 1929.

“Devo confessar que as chamadas faculdades telepáticas da psique me causaram grandes preocupações, pois o termo “telepatia” está muito longe de explicar algo. A limitação espaço-temporal da consciência é um fato de tanto peso que toda brecha que se abra nessa verdade fundamental constitui, realmente, um acontecimento de máxima significação teórica. Comprova que essa limitação espaço-temporal é uma determinação, um destino susceptível de ser anulado. Essa condição anuladora seria a psique. À qual portanto, o espaço e o tempo só corresponderiam, no máximo, como carácter relativo, ou seja, circunstancial. Em um caso dado, poderia forçar a barreira do espaço e do tempo, em virtude de sua essencial condição de relativa independência de uno e de outro. Esta possibilidade, a meu ver muito clara, é de tão imenso alcance que deveria incitar o espírito investigador ao máximo esforço.”

“Só mencionei este grupo de fenômenos para indicar que o bloqueio entre o cérebro e a psique, isto é, sua limitação espaço-temporal, não é tão natural e indubitável como até agora se acreditou.”

“Aquele que dispuser pelo menos de um mínimo conhecimento do material de prova parapsicológica já existente e suficientemente comprovado, sabe que sobretudo os fenômenos chamados telepáticos, são fatos indubitáveis.”<sup>5</sup>

Mas, apesar de todo o prestígio destes homens de ciência, a metapsíquica ainda não entrou nos círculos oficiais e acadêmicos. A que se deve este fato? Por que há outros fenômenos de menor transcendência que em seguida são conhecidos por todo mundo e divulgados nos centros de ensino? Existem

---

<sup>5</sup> C. G. Jung, “La realidad del alma”, Ed. Losada, 1940.

vários fatores que convergem para explicar por que ainda não se deu carta de cidadania à metapsíquica.

Em primeiro lugar é necessário reconhecer que se trata de fenômenos transcendentais, que estão muito distantes de tudo o que se observa habitualmente. E, como diz Bozzano:

“Existe uma lei psicológica inexorável que impede que os espíritos que se tenham exercitado muito tempo em uma concepção especial da vida, assimilem ideias que contrastem de um modo absoluto com ela. Em consequência, todo movimento intelectual de tipo religioso, social, moral ou científico demasiado radicalmente inovador, foi sempre acolhido com certa hostilidade por todas as classes sociais, e, sobretudo, pelas mais elevadas e cultas”<sup>6</sup>.

Por outro lado, sempre se mesclaram aos fenômenos autênticos, outros falsos. E ainda os mais prestigiosos experimentadores foram vítimas do ceticismo. Ante a dúvida, abriram-se dois caminhos: o de controlar severamente os fenômenos e estudá-los pacientemente, ainda em meio a circunstâncias adversas; ou rejeitar tudo para ter a segurança de não aceitar erros na ciência. Este último caminho, o mais cômodo, foi seguido pela maioria e é o critério que ainda impera entre os cientistas: rejeitam sistematicamente todo o supranormal, não querem ocupar-se do assunto, temem comprometer seu bom nome ao tratar problemas que são objeto de tanta crítica. O outro caminho, o mais difícil, estava reservado aos homens livres de preconceitos e amantes da verdade, desejosos de arrancar um

---

<sup>6</sup> **Ernesto Bozzano**, “Cerebro y pensamiento”.

segredo mais à natureza, de conhecer melhor o homem. E, através deste melhor conhecimento, ter uma visão mais clara do universo.

No princípio deste século, a metapsíquica saiu da fase puramente descritiva; uma vez bem comprovada a autenticidade dos fenômenos, os investigadores aplicaram a seu estudo o método científico experimental que tão bons resultados havia dado em outros campos do conhecimento. Método que, em um princípio, se pôde pensar que seria inaplicável em metapsíquica: iniciava-se agora uma etapa de prestígio para esta ciência. O método experimental, em mãos de Gustavo Gelei e Eugenio Osty na França, Ferdinando Cazzamalli na Itália e J. B. Rhine nos Estados Unidos, permitiu chegar a conclusões decisivas quanto à realidade do conhecimento extrassensorial e de algumas das condições que o facilitam ou perturbam.

Através de uma longa série de experiências bem controladas, possuímos hoje em dia um melhor conhecimento da estrutura psicofísica do homem e temos uma visão mais ampla do que se deve entender por personalidade integral.

Antes de mais nada, o antigo aforismo que estabelecia: “nada há na inteligência que não tenha passado primeiro pelos sentidos” é falso, se por “sentidos” se estiver referindo unicamente aos sentidos corporais conhecidos. A experiência que nos dá a psicofisiologia moderna nos permite afirmar que existem sujeitos que têm a faculdade de conhecer certos fatos, passados, presentes ou futuros, sem a intervenção dos cinco sentidos corporais; esses sujeitos podem chegar ao conhecimento transpondo todas as barreiras de espaço e tempo.

Portanto, tampouco é exato o conceito oferecido pelos textos de psicologia, quando afirmam que os conteúdos psíquicos de uma determinada pessoa não podem ser conhecidos por outra, a menos que a primeira os refira por meio da linguagem. Esta espécie de segredos sobre a intimidade pessoal, esta

espécie de reinado sobre os vastos campos da atividade consciente e inconsciente – e aos quais somente se podia chegar por meio de técnicas especiais como a hipnose ou a psicanálise (que em última instância exigia a submissão do EU ou o consentimento do mesmo) – já não podem manter-se como segredo frente às faculdades supranormais.

Compreende-se que seja difícil aceitar este fato: que não sejamos verdadeiramente donos e senhores de nossas experiências e pensamentos passados e presentes, que não possamos apagar definitivamente um fato incômodo de nossa vida, o qual nos envergonha; que não possamos ocultar nossa verdadeira maneira de ser; porque tudo isso pode ser conhecido, em determinadas circunstâncias, por um sujeito com uma sensibilidade especial... Mas os fatos são fatos e ante eles deve render-se uma vez mais o narcisismo humano.

Aqui seria o momento oportuno de ampliar as considerações feitas por Freud para explicar o porquê da resistência a admitir um inconsciente povoado de forças desconhecidas para o próprio EU. Diz este grande mestre que o homem sempre quis ser o rei do universo e o centro, ao redor do qual girem todas as coisas. O primeiro golpe a este narcisismo foi dado por Copérnico ao negar que o sol e os demais planetas girassem ao redor da Terra como havia sustentado até então Ptolomeu.

O orgulho humano teve que inclinar-se pela segunda vez ante a evidência, com os descobrimentos de Darwin e seus sucessores, os quais demonstraram que o homem não era um ser excepcional na Criação, senão que representava, no máximo, o último elo de uma longa corrente de seres que evoluíam.

Mas até aqui, parecia ainda conservar o reinado de sua própria personalidade, acreditava que a consciência, sobre a qual exercia o controle, era o único existente em seu psiquismo. E deveu indubitavelmente rebelar-se quando lhe



demonstraram que isso não existia. E que existia um inconsciente, muito mais extenso e rico em conteúdos e dinamismos que o próprio consciente.

E por último se explica sua resistência em aceitar um fato ainda mais inconcebível: que todas as suas experiências passadas e todos os seus pensamentos possam ser conhecidos, ainda contra sua vontade.

Esta comprovação excepcional da psicofisiologia moderna se prestaria para fazer longas e interessantes especulações de ordem filosófica. Mas preferimos não tocar esta questão neste trabalho e continuar analisando os fatos à luz da experimentação científica.

É evidente que o conhecimento extrassensorial ocorre em um plano psíquico inconsciente que o elabora, sobretudo em imagens visuais, na maioria das vezes de tipo alegórico ou simbólico, que o consciente interpreta e traduz para a linguagem comum.

Outras vezes, o consciente recebe o conhecimento já elaborado por completo no inconsciente, sem intermediação de imagens de nenhum tipo; é quando o sujeito diz, por exemplo, “Tal acontecimento ocorreu há 14 anos”. Quando lhe perguntamos por que disse 14, como o soube, se limita a responder que veio esse número à sua consciência, sem saber de onde nem como. Nestes casos se fala de intuição.

Em outras oportunidades, o conhecimento é completado por imagens auditivas ou senestésicas. Este último tipo é bastante frequente e por seu intermédio, o sujeito acusa incômodos ou dores na mesma região do corpo ou víscera que a zona afetada na pessoa que traduz. É quando diz: “Sinto como uma opressão na garganta”, “tenho muito calor no corpo”, etc.

Habitualmente os diferentes tipos de imagens, de sensações e intuições se combinam para chegar ao conhecimento completo.

Há sujeitos que traduzem seu conhecimento por meio do que se costuma chamar escrita automática e que não é preciso confundir com os automatismos inconscientes propriamente ditos, os quais não dão senão produtos insignificantes<sup>7</sup>

Agora colocamos o seguinte interrogante: como entra em ação este plano metapsíquico?

Em alguns casos é necessário proceder à hipnose e unicamente em estado hipnótico se manifestam as faculdades supranormais. Em outras ocasiões o próprio sujeito entra em transe (auto-hipnose), quase sempre com sacudidas espasmódicas dos músculos, inspirações profundas e aceleração do pulso.

E há uma terceira modalidade em que o sujeito manifesta suas faculdades em um aparente estado de normalidade, ainda que a observação cuidadosa denote algumas pequenas sacudidas musculares e em ocasiões, ligeira obnubilação.

É interessante destacar que em alguns destes estados paranormais de maior ou menor intensidade – e nos quais se põe de manifesto o metapsiquismo – se originam no cérebro ondulações eletromagnéticas de onda ultra curta que foram demonstradas experimentalmente pelo professor italiano Cazzamalli, através de um dispositivo de sua invenção, baseado essencialmente na lâmpada termoiônica. Estas ondulações eletromagnéticas são captadas à distância pelo citado mecanismo e são obtidos registros gráficos, conhecidos com o nome de “rádio-cérebro-psicograma” (Cazzamalli).

Esta contribuição de Cazzamalli, aplicada aos fenômenos de metapsíquica subjetiva, permitirá – sem lugar a dúvidas – aprofundar o conhecimento do

---

<sup>7</sup> **Ramón P. Muñoz Soler**, “Nuevos conceptos sobre la importancia del dinamopsiquismo en el hombre”. Publicaciones Médicas, Marzo 1946.

sistema nervoso, tão complexo de per si e tão cheio de incógnitas até o presente.

De modo que, ao estudo psicológico experimental dos mecanismos conscientes e inconscientes que intervêm na produção do conhecimento metapsíquico, acrescenta-se agora um método objetivo e gráfico de grandes alcances teóricos e práticos.

A metapsíquica também fez grandes progressos no que se refere às interações psicofísicas no homem. E foi muito além dos fenômenos incluídos em patologia, dentro da psicogênese mórbida, e que testemunham a ação do psíquico sobre o físico. Dentro das potencialidades inconscientes existe uma verdadeira ação ideoplástica que, em ocasiões, chega a “fundir” parte do organismo físico em uma matéria viva especial chamada ectoplasma, a qual pode ser modelada em novas formas biológicas, através da ação do próprio plano psíquico inconsciente.

O problema do ectoplasma – desconhecido pela fisiologia clássica – expande e ilumina o campo da biologia de forma insuspeitada. O problema da morfogênese adquire agora um novo significado e a diferenciação tissular passa a um segundo plano, visto que a experiência demonstra que os tecidos diferenciados se fundem no ectoplasma em uma substância única, a qual volta novamente a ser o que era antes quando se reintegra ao organismo do sujeito.

As formas ectoplasmáticas podem adquirir formas visíveis ou invisíveis. E ambas são dirigidas pelo psiquismo inconsciente do sujeito e modeladas ou não, conforme as circunstâncias. Também aqui, o método experimental e gráfico prestou marcantes benefícios e permitiu, além de eliminar a fraude, estudar as condições em que se produzem as emissões de “substância invisível” e os fatores que prejudicam ou favorecem essa emissão.

No Instituto de Metapsíquica Internacional de Paris, Eugenio Osty e seu filho Marcelo ensaiaram, com muito bons resultados, os raios infravermelhos (invisíveis para os olhos, mas que impressionam a placa fotográfica), para estudar o famoso sujeito Rudi Schneider, nas emissões invisíveis de ectoplasma que saíam de seu corpo e eram dirigidas por um plano críptico de seu psiquismo.<sup>8</sup>

Em síntese, as contribuições da metapsíquica ao conhecimento do homem podem ser resumidas da seguinte forma:

- O conceito de unidade biológica psicofísica fica amplamente confirmado, agora desde um novo ponto de vista, com o estudo do ectoplasma amorfo e sus diferenciações.
- As interrelações psicossomáticas e sobretudo a ação do psiquismo inconsciente sobre o organismo físico, fica bem manifestada nas criações ideoplásticas e nas senestesias dos metagnomos, principalmente naqueles que têm especial aptidão para conhecer o estado orgânico normal ou patológico das pessoas.
- E no psiquismo, dão reconhecidas novas potencialidades e modos de ação e reação, a ponto de que, por seu intermédio, o homem transpõe todas as barreiras espaciais e temporais, e começa a vislumbrar que é muito difícil impor limites ou restrições às faculdades que jazem latentes no fundo de seu ser.

Ao revelar a existência deste plano críptico e transcendente do psiquismo, a metapsíquica nos permite ampliar o conceito que a biologia tinha do homem como ente cósmico. É verdade que existe uma interação entre o indivíduo e os elementos fisioquímicos do ambiente, e uma relação íntima, de ordem

---

<sup>8</sup> Eugenio Osty y Marcelo Osty, “Los poderes desconocidos del espíritu sobre la materia”.

psicológica, entre os seres que constituem a coletividade humana, de maneira que, nem desde o ponto de vista biológico nem do sociológico, é possível isolar o homem de seu mundo. Em outras palavras, a relação microcosmo-macrocosmo é tão íntima que ambos constituem uma unidade.

Estas relações, às quais fazemos referência, são de natureza energética conhecida, já seja fisioquímica, biológica ou psicológica. Mas, o que a metapsíquica nos diz é que existem relações de outra ordem entre o homem e os demais elementos do cosmos; que essas relações são de ordem mental; que não existem obstáculos materiais para elas; e que podem ter lugar sem nenhuma participação da consciência.

E não se trata tão só de vínculos mentais entre instâncias conscientes ou inconscientes humanas. Senão que estes podem se estabelecer também com elementos físicos do globo, como correntes de água subterrâneas, minas profundas separadas da superfície do planeta por grandes distâncias, etc.

Que diferença de concepção entre a biologia mecanicista – que não via no homem mais que um conjunto harmônico de células, que podia ser resolvido por sua vez em um sistema fisioquímico complexo (do qual resultavam todas suas funções, inclusive a atividade psíquica) – e esta interpretação moderna que nos dá a metapsíquica, de uma unidade biopsicossocial e cósmica, na qual o psíquico é o essencial porque domina a matéria e a transcende!

Agora, através da exposição deste trabalho, vimos como os critérios médicos foram sendo modificados, de acordo com as diferentes concepções que se tinha do homem. Vimos como a medicina clássica era organicista – e não podia ser de outro modo, já que estava fundada na noção de uma personalidade somática. Analisamos depois como, através do conhecimento do homem como unidade psicofísica e social, a medicina psicossomática

mudou os esquemas primitivos e introduziu modificações nos critérios etiopatogênicos e terapêuticos.

O que acontecerá agora, com esta nova maneira de conceber o homem? Que mudanças podem ser vislumbradas no terreno médico?

Poder-se-á fundamentar uma nova doutrina médica, com base nos descobrimentos metapsíquicos?

É difícil, por agora, dar uma resposta categórica a estas perguntas. É certo que a metagnomia pode ser aplicada na medicina, tanto quanto auxiliar no diagnóstico, como procedimento para aprofundar nos mecanismos de interrelação psicossomática e na gênese de diversos transtornos mentais. Mas, de acordo com nossa experiência, não podemos ainda chegar a uma conclusão sobre os alcances destes novos procedimentos, na prática.

De qualquer forma, é indubitável que a ciência vê abrirem-se diante dela, novos e dilatados horizontes, cuja exploração sistemática é obra do presente.

## RESUMO

**Primeiro conceito:** puramente morfológico do indivíduo humano, considerado como simples agrupação de células especializadas nas diferentes funções, que nos leva a uma medicina somática que considera a enfermidade como alteração da estrutura orgânica (patologia celular de Virchow) e conduz a uma terapêutica de limites restritos.

**Segundo conceito:** indivíduo como unidade biológica psicossomática e social que nos leva a uma medicina psicossomática que considera a enfermidade como alteração funcional e conduz a uma terapêutica integral com valoração dos fatores somáticos, psíquicos e ambientais.

**Terceiro conceito:** indivíduo como unidade biopsicossocial e cósmica que nos leva a uma medicina de vastos alcances que incorpora a seu patrimônio as contribuições da metapsíquica e cujas projeções são difíceis de prever.